

OBEDIÊNCIA

Em uma Epístola aos Hebreus, Paulo de Tarso dissertou sobre a obediência de Jesus a Deus.

Salientou que o Cristo manifestou Sua obediência ao Criador até o mais extremo sacrifício. E que, após a consumação do martírio, tornou-Se o meio de salvação para todos os que por sua vez O seguirem. É interessante refletir a respeito da obediência. Toda criatura obedece a alguém ou a alguma coisa. Ninguém permanece sem objetivo. A própria rebeldia está submetida às forças corretoras da vida. O homem obedece a toda hora. Contudo, por vezes não consegue definir a própria submissão por virtude construtiva. Não entende a necessidade de submeter-se com dignidade ao cumprimento dos deveres que a vida lhe apresenta. Ressente-se com os encargos que lhe competem e busca abandoná-los. Então, atende, antes de mais nada, aos impulsos mais baixos da natureza. Por resistir ao serviço de autoelevação, torna-se um rebelde. Quase sempre, em seu coração, transforma a obediência que o salvaria na escravidão que o condena. O Senhor da vida estabeleceu as gradações do caminho. Instituiu a lei do próprio esforço, na aquisição dos supremos valores da vida. Em Sua extrema bondade, elaborou formosos roteiros para que o homem encontre a felicidade e se plenifique. Deus determinou que o homem, para ser verdadeiramente livre, aceite os Seus sagrados desígnios. Contudo, a criatura frequentemente prefere atender à sua condição de inferioridade e organiza o próprio cativeiro. O discípulo precisa examinar atentamente o campo em que desenvolve a sua tarefa. Quanto a você, a quem obedece? Acaso, atende, em primeiro lugar, às vaidades humanas? Cuida, acima de qualquer coisa, das opiniões alheias? Ou consegue acomodar o seu sentimento no tranquilo cumprimento dos deveres que lhe competem? São frequentes as tentações que o mundo apresenta no caminho de quem deseja viver retamente. O discurso mundano fornece desculpas para quase tudo. Seja o abandono do lar, a traição conjugal, a sonegação de tributos ou a pouca dedicação aos filhos. Sempre é possível achar alguma justificativa, ainda que pífia, para passar pela porta larga da perdição. O problema é que nessa passagem compromete-se a própria dignidade. Como cada qual é o artífice do seu destino, sempre chegará o momento de assumir as consequências. Em termos morais, não há atos despidos de consequências. O sacrifício das próprias fantasias e vaidades em favor do bem rende plenitude e luz, logo adiante. Já a vivência de paixões, em clima egoísta, traz uma inevitável cota de dores e desilusões. Jesus ensinou e exemplificou a vivência do amor, em regime de pureza. Apenas a obediência aos Seus ensinamentos permite quebrar a escravidão do mundo em favor da libertação eterna. Pense nisso.